

Intervenção Arqueológica nos Alcariais dos Guerreiros de Cima: (Almodôvar)

Resultados Preliminares¹

SAMUEL MELRO, ALEXANDRE
GONÇALVES E SANDRA CLÉLIA²

A intervenção arqueológica nos Alcariais dos Guerreiros de Cima ocorreu no contexto das medidas de minimização da A2 promovidas pela BRISA, resultando na escavação integral de toda a área afectada deste sítio islâmico. Coube à ERA Arqueologia S.A. finalizar a escavação da zona do povoado designada de Local 18A, já iniciada por uma equipa anterior.

À arqueologia de salvamento, inerente aos propósitos do trabalho, tornou-se evidente a importância do seu contributo à arqueologia do mundo rural islâmico. A dimensão da área intervencionada, um conjunto de 4

edifícios ao longo de 972 m², somados aos outros 2 edifícios já escavados, resulta só por si como campo privilegiado para uma leitura abrangente deste povoado rural situado na região interior do Garb al-Andaluz.

Apesar de uma estratigrafia por vezes profundamente afectada por actividades antrópicas recentes, sobretudo a pastorícia, ou pelos processos erosivos naturais, foi registada uma ocupação desenrolada entre os sécs. XI a XIII, sobreposta a realidades que poderão recuar aos sécs. IX e X, sendo aparentemente abandonada na segunda metade do séc. XIII.



¹ Intervenção decorrida entre Abril e Julho de 2001, sob a Direcção Científica de Samuel Melro; a Direcção Técnica de António Valera e Coordenação de Projecto de Inês Mendes da Silva, com a participação dos Arqueólogos Alexandre Gonçalves, Sandra Clélia, Alice Carneiro, Helena Marçal, Manuela Coelho, Paulo Neves, Rita Ramos, Mafalda Capela, Martinho Freitas, Lúcia Laranjeira Pinto, Inês Mendes da Silva, Iola Filipe e Bruno Silva; de Rita Dias, Técnica de Arqueologia; de Daniel Fernandes, Topógrafo; de Carlos Lemos, Desenho de Campo; de José Pedro Machado, Manuela Castro e Tiago Queirós, Desenho de Gabinete; e de Maria Emília, Desenho de materiais. Contamos ainda com a participação de diversos trabalhadores indiferenciados.

² Arqueólogo. Apartado 95, 7780 Castro Verde. smelro@sapo.pt. Arqueólogo; R. Poço, n.º 858,1675, Famões; alexgoncalves@yahoo.com; Arqueóloga. Era-Arqueologia, S.A.

Figura 1
Implantação geral das áreas intervencionadas
na planta do traçado

Enquadramento Geomorfológico

Os Alcariaais dos Guerreiros de Cima (Gomes-Aires, Almodôvar) estão hoje situados a uma centena de metros da Estação de Serviço de Almodôvar, na A2. Na sua disposição original, o sítio desenvolvia-se desde um primeiro núcleo, no cabeço de topo amesetado e amplo domínio visual (275 m), cujo limite a Oeste pendia para um íngreme barranco (256 m), desenvolvendo-se suavemente para um segundo núcleo na base da encosta a Sudeste, ao longo de uma sequência de quatro patamares distintos (cota média 260 m), limitados finalmente por outro pequeno barranco (244 m)³. A nossa intervenção desenvolveu-se nesse segundo núcleo (M – 4369 / 4408; P – 2370 39 / 2370 84).

Encontramo-nos nas extremas do Baixo Alentejo, numa paisagem onde o ondulado dos cabeços e de barrancos marca progressivamente terreno, para se acentuar num território mais sinuoso a Sul, na serra profunda do Caldeirão, de diluídas fronteiras com o norte do Algarve. Próximo, a Sul, do corredor de passagem natural de S. Marcos, o sítio é vizinho, a Norte, da peneplanície alentejana dos Campos de Ourique.

Nas proximidades, o rio Mira ganha caudal, em torno de uma rede hidrográfica alimentada por inúmeros barrancos e ribeiras, como a da Pinguela, que confinam o povoado. Partilhando ainda alguns filões cupríferos, a região em foco é constituída sobretudo por grauvaques e xistos, predominando as áreas de declive irregular e de solos esqueléticos, muito afectados pelos processos erosivos naturais.

Este panorama é, antes de mais, consequência directa dos impactos antrópicos sobre o coberto vegetal, especialmente os que, ao longo dos últimos séculos, provocaram marcados desequilíbrios no meio. Ao actual clima do Baixo Alentejo corresponderia, no período islâmico e medieval, um clima

Foi registada uma ocupação, entre os sécs. XI a XIII, sobreposta a realidades que poderão recuar aos sécs. IX e X, sendo aparentemente abandonada na segunda metade do séc. XIII

mais húmido e frio, numa paisagem de tipo Bosque. Os dados mamalógicos e malacológicos de contextos dos sécs. IX/X das Mesas do Castelinho (Almodôvar) (CARDOSO, 1993; *Id.*, 1994; PAIS, 1993; FABIÃO, GUERRA, 1991; *Id.*, 1993) vieram ilustrar as repetidas menções da Mata de Almodôvar, no foral de Almodôvar de 1285 (COELHO, 1987), nas cartas de doação pós-Reconquista da região, de 1260 e 1269, ou no foral de Mértola, em 1239 (MACIAS, 1996). Uma unidade biogeográfica entre as serras a Sul e a peneplanície dos Campos de Ourique a Norte, englobaria os Alcariaais dos Guerreiros de Cima em torno de áreas de Bosque misto, entrecortado por prados, até pelo menos aos finais do séc. XIII (SOARES; FERREIRA, 1994).

Enquadramento Histórico

Na região, foram sobretudo os trabalhos nas Mesas do Castelinho (Almodôvar) e em Alcaria Longa (Mértola) que mais contributos trouxeram ao conhecimento do processo de islamização rural na região⁴. Estes últimos trabalhos, de J. Boone, têm servido em boa parte de arquétipo para os

sítios rurais muçulmanos, face à escassez de demais escavações no nosso território, nesse âmbito.

Os Alcariaais dos Guerreiros de Cima eram parte do termo de Marachique, situado nas áreas marginais da Cora de Beja, que fazia fronteira, pela Mata de Almodôvar, com o termo de Mértola. Marachique, o Castro da Cola, como é hoje conhecido, seria, assim, o povoado fortificado, sede do *Iqlim*, associado a este núcleo rural. Face à perenidade dos seus limites, em função das permanentes tensões territoriais entre Beja, Mértola e Silves, e embora na dependência tradicional de Beja, esta área poderia estar, noutras ocasiões, na dependência de Silves, ou, periodicamente tão-só sujeita a régulos locais. Note-se, por fim, que os antigos termos desta comarca, descritos numa carta de 1250, incluíam no seu alcance os Alcariaais dos Guerreiros de Cima (VIANA, 1960: 195). Já a fortificação omíada das Mesas do Castelinho, vizinha dos Guerreiros, é ilustrativa do “encastelamento” e dos poderes locais das regiões interiores meridionais, entre os sécs. IX e X. A seu propósito, foi chamada a atenção para a região de Almodôvar, como um nó de ligação das vias do Algarve para o Alentejo, através da serra (GUERRA; FABIÃO 1993: 100)⁵.

Entre constantes revoltas locais e regionais, pacificadas com o Califado (sécs. IX-X) ou reatadas nos Reinos de Taifas (séc. XI), assiste-se a um dinamismo demográfico e a um florescimento rural testemunhado por uma grande densidade de alcarias. Desde os finais do séc. XI ao XII (Período Almorávida /Almóada), somada à instabilidade das sucessivas revoltas locais e ao avanço cristão, Marachique é de facto o grande centro estratégico da região.

Na 1.^a metade do séc. XIII, a Ordem de Santiago toma posse do *Garb*. Em 1238, é conquistada Mértola, 4 anos depois Aljustrel, e já em 1245 Marachique é doada à Sé do Porto, revertendo mais tarde para a Coroa, que lhe dá foral em 1261. Ao reinado de Afonso III poderá ter

correspondido a última reestruturação do povoado e das muralhas (VIANA, 1960: 165-167; PIRES, 2002:16), para decair em seguida em favor de Ourique, com foral em 1290. O povoado rapidamente repartido pela nova organização territorial, desaparece dos registos conhecidos no séc. XIV.

Essa desagregação tivera incio já em 1260, quando parte de Marachique é doada a Estevem Anes, chanceler de Afonso III, o que estará na origem do concelho de Almodôvar (foral de 1285). É já um período de transição, em que, como refere o foral de Almodôvar, permanecem ainda mouros na região, embora se acentue o declínio demográfico e o abandono progressivo da maior parte das pequenas povoações (SOARES, FERREIRA, 1994).

³ A implantação deste sítio é de facto consentânea com as normas muçulmanas. Segundo o Tratado dos Alimentos (M 24r) “os melhores locais (para viver) são os elevados, sempre que tenham desocupado o lado Norte, sem montanhas que os tapem e os ultrapassem, os que estão rodeados de vinhedos e os costeiros” (CATARINO, H., 1997/1998: 549). Ocupando a Noroeste um cabeço de grande visibilidade, com as montanhas para Sul e os Campos de Ourique para Norte, rodear-se-ia de abundante vinhedo, ou seja, pela Mata de Almodôvar. A Sudeste, as áreas agrícolas são proporcionadas pelo Vale Travesso e a Ribeira da Pinguela. A água nasce ainda a poucos metros a Nordeste do sítio, servido ainda pelos antigos poços junto ao antigo caminho medieval, a Sudoeste do povoado (ver nota 5). Uma implantação, à semelhança, aliás, dos modelos observados no Alto Algarve Oriental ou em Mértola, onde o povoado se situa no “flanco de zonas de montanhas, desenvolve-se em socacos pela encosta de um cabeço relativamente elevado, seguindo as curvas de nível, descendo em direcção a um barranco ou até uma rechã de ribeira” (CATARINO, H.1997/1998: 556).

⁴ A incidência sobre núcleos urbanos (Mértola, Silves) estabeleceu um fosso entre o conhecimento das sociedades urbanas e as sociedades rurais. Na região, para lá de algumas intervenções nunca publicadas, fora os casos citados e eventualmente os trabalhos realizados em Aljustrel (RAMOS; MARTINS; MURALHA; ESTORNINHO, 1993) e no casal rural de Reguengo Grande (Messejana, Aljustrel) (ARNAUD; MURALHA; ESTORNINHO, 1992), constituem referência obrigatória os trabalhos desenvolvidos no Castro da Cola. É de lamentar, no entanto, não ter havido ainda o necessário seguimento dos trabalhos de Abel Viana (VIANA, 1946; 1958; 1959; VIANA; VEIGA; ANDRADE, 1957; VIANA, 1960), num local inscrito nas rotas túrísticas do património arqueológico português. Para lá de isolados contributos ao estudo de parte do seu espólio e das investigações no local de Fernando Branco, em 1997, refira-se ainda as recentes sondagens aí realizadas, confirmando a extensão da área ocupada pela povoação principal para lá das muralhas conhecidas e novas estruturas de carácter militar (PIRES, 2002).

⁵ O caminho que, desde Gomes Aires, tomavam tradicionalmente as gentes da Serra para Ourique, ou anualmente para os festejos da Senhora da Cola, passa a poucas dezenas de metros dos Alcariaais. O que deverá querer dizer que deveria ser esse o caminho que, vindo da Serra, isto é, do Algarve, e de Almodôvar, levaria a Marachique, sede do território, pelo menos, desde o séc. XII.

Trabalhos Anteriores

A primeira notícia acerca dos Alcariais dos Guerreiros de Cima é de 1995 (FERREIRA, INÁCIO, 1995), enquadrando-o numa cronologia tardo-romana e alto-medieval. Já na sequência do EIA (MARTINS, 1999) e dos pareceres do IPA, o sítio tomará uma dupla referência como Local 18 e Local 18A⁶, o primeiro na elevação a Oeste e o segundo desde a base da sua encosta a Sudeste⁷.

Em 2000, são efectuadas 4 sondagens-diagnósticas por Jorge Vilhena (DEGEBE). No topo do cabeço, surgiram de imediato alguns muros associados a materiais dos sécs. X/XI e XIII. O mesmo ocorre no Local 18A, onde, sob um abrigo de pastor, uma estrutura negativa escavada na rocha, preenchida com carvões, fragmentos de barro cozido e elevada densidade de escórias e pingos de fundição metálicos, sugeria actividades metalúrgicas (VILHENA, 2000: 6-7; 15-16).

Entre 2000 e 2001, Miguel Serra e André Santos (DEGEBE) escavam integralmente na plataforma da elevação (L18) uma casa sub-retangular (Edifício 6)⁸, de 5 compartimentos distribuídos em L, em torno de um pátio central. A Sul da casa adoçavam ainda outros 3 compartimentos, pouco preservados face ao forte desgaste erosivo, que poderiam indiciar um outro edifício, ou meras alterações arquitectónicas, como parecem antes sugerir os dados apresentados (SERRA, SANTOS, 2001a: 2-5; 2002: 10-14). Descartada a hipótese de um edifício defensivo no topo do cabeço, estamos perante uma casa construída entre os sécs. XI e XII, com três momentos construtivos distintos, que, mais do que área residencial, serviria de apoio às actividades deste núcleo rural.

Na outra extremidade dos Alcariais é escavada, na íntegra, uma casa rectangular de claras funções residenciais (Edif. 1), e parte de uma segunda casa (Edif. 2). A entrada da residência, organizada em torno de um pátio lajeado e com um canteiro central, era feita a Este por um

vestíbulo, que anexava ainda uma dispensa, um compartimento menor sem qualquer porta. A Oeste do pátio ficava o salão da casa, do qual se acedia para um pequeno compartimento interpretado como a alcova. A Sudoeste ficava a cozinha, revelada por duas lareiras e um silo. No canto Sudeste do pátio sobressaía a latrina da habitação, com uma ante-câmara e canalização associada. No esforço de construção da casa, para lá da regularização do terreno, erguiam-se no paramento Sudoeste três contrafortes, entre os quais se sugerem ter havido canteiros (*Id.*, 2001b: 2-4; 2002: 15-20). O enquadramento cronológico dado a esta casa de notáveis contornos urbanos é o intervalo entre os sécs. XI e XIII.

Já o Edif. 2 é paralelo ao primeiro e intercalado por uma rua que os separaria numa primeira fase, sendo posteriormente fechada a Nordeste por um muro que anexaria os dois edifícios. Sob os pisos dessa rua e os muros do Edif. 2 um conjunto de fossas estabelece uma fase mais antiga, com materiais do séc. X, ou mesmo IX, subjacente à construção dos edifícios (*Id.*, 2001b: 4; 2002: 26).

A Intervenção Arqueológica

O presente artigo não pretende mais que uma exposição sumária da nossa intervenção, pelo que uma primeira abordagem global ensaiada assume um carácter eminentemente preliminar.

A escavação em área, realizada de acordo com os pressupostos de P. Barker e E. Harris (BARKER, 1977; HARRIS, 1979), identificou diversos módulos de construções (edifícios), aos quais não foi sempre possível fazer corresponder a sequência estratigráfica observada em cada um a um sincronismo generalizado a todos eles (nas suas etapas de construção, ocupação e abandono). Serão, assim, expostas as correlações que foi possível estabelecer ao longo de 4 fases, determinadas por remodelações de ordem

arquitectónica e não por distintos níveis de ocupação. Estes correspondem, assim como a cultura material, quase exclusivamente, à etapa final deste povoado rural islâmico (Fase III).

Fase I

As realidades arqueológicas mais antigas são muito pouco esclarecedoras, uma vez que não se encontram integradas num contexto ocupacional integral. O que sabemos ao certo é que os muros e pisos das casas sobrepõem-se a um conjunto de valas ou fossas⁹ que não estão associadas a quaisquer estruturas anteriores, embora seja lícito observar a sua maior concentração na área mais baixa do povoado, sob o Edif. 2¹⁰.

Desse momento prévio nada registámos que nos permita esboçar a traça do lugar a que respeitavam. Fosse o caso de serem silos inseridos em compartimentos ou áreas exteriores, não existe qualquer tipo de evidência desses contextos, pelo que teria ocorrido uma profunda remodelação e ruptura no sítio. Em alternativa, à semelhança de outras situações, poder-se-á sugerir que tal resulte apenas de um deslocamento das áreas edificadas e habitadas, e que estas estruturas negativas estivessem situadas fora da sua área de implantação (CATARINO, H., 1996/1997).

A maioria destas fossas encontrava-se simplesmente entulhada de telhas e pedras para o nivelamento da superfície das novas casas, porém algumas teriam servido, na sua última etapa, como lixeiras, conservando algum material que nos permitiu sugerir os sécs. IX e X para a Fase I.

Para lá de alguns fragmentos de vidrados monocromos de cor verde sobre pastas acinzentadas, são sobretudo as produções de pastas claras, de tonalidade esbranquiçada e rosada, predominando as formas fechadas, como os púcaros de pequenas dimensões com caneluras e leves incisões, que poderão enquadrar no período califal a primeira ocupação do povoado.

Do conjunto de fragmentos cerâmicos recolhidos na fossa UE 200 sob o Edif. 2, como nas fossas UE 226, 227 e 228, a presença mais comum é atribuída a recipientes de pequenas dimensões, púcaros pequenos e tigelas, e algumas painéis de abertura ampla¹¹. Alguns dos bojos encontram-se pintados na superfície exterior, numa pintura a cru, castanha ou negra, sem qualquer tratamento ou preparação prévia.

Deste conjunto foi possível reconstituir dois púcaros de colo alto (série 4 e variantes de Rosselló-Bordoy e formas 6,

⁶ O Local 18 situa-se no traçado da via ao Km 14,700 e o Local 18A desde o Km 14,825 ao 14,950.

⁷ Das observações de superfície, os posteriores trabalhos de escavação vieram ainda a negar a existência de uma necrópole da Idade do Ferro, sugerida em 1995 (FERREIRA; INÁCIO, 1995) ou a presença de um edifício tipo *castella* como sugeria o EIA (MARTINS, 1999: 5).

⁸ A numeração dos edifícios que aqui apresentamos prossegue a sequência Oeste / Este (Edifícios 1 e 2) iniciada pela equipa precedente e por nós continuada.

⁹ Frisemos que este conjunto, à falta de correlações estratigráficas, não pode ser assumido como um conjunto coevo na sua origem, uso e abandono. Quando subjacentes aos aparelhos construtivos da Fase II, não nos restam dúvidas quanto ao seu enquadramento nesta fase mais antiga (Fase I). Porém, ao ocorrerem sob aparelhos e/ou níveis da subsequente fase de remodelação (Fase III) que tenham por sua vez eliminado vestígios dessa fase construtiva inicial, colocamos em aberto a possibilidade de esses interfaces poderem ter pertencido não à Fase I, mas à Fase II.

¹⁰ Não é possível estabelecer uma leitura espacial e funcional destas estruturas negativas. A sua relativa concentração sob o Edifício 2 desenvolve-se num conjunto que agrupa as fossas UE 24 e UE 25 junto com as fossas 5 e 6, anteriormente intervencionadas (SERRA, M., SANTOS, A., 2001b), as UE 180, 181 e 179 e o eixo que reúne as UE 126, 127, 128 e 200. Todas as demais surgem menos agrupadas, com excepção para as UE 278, 227 e 265/275 sob o Edifício 4. Este último interface é aquele que pela sua forma nos poderá indicar com maior segurança um uso primário como silo, leitura que pensamos ser correcta atribuir também às restantes fossas ovais de maiores dimensões. Já para as valas, de formas sub-rectangulares, não nos é evidente qual o seu uso primário, atestado que temos apenas para algumas o seu uso final como lixeiras.

¹¹ Os fragmentos de pastas claras identificados apresentam elementos não plásticos pouco perceptíveis e as suas superfícies e pastas possuem a mesma tonalidade e cor. Na sua maioria, as pastas são beiges, rosas e castanhas, claras (pese o facto de muitos dos fragmentos se encontrarem rolados).

13 e 14, de Bazzana)¹² com paralelos próximos nas Mesas do Castelinho (Almodôvar) (GUERRA e FABIÃO, 1993: 98).

Fase II

Consideramos como Fase II a etapa construtiva dos Edifícios 5, 2 e 4. Infelizmente, são escassas ou inexistentes as evidências materiais directas das cronologias da fundação destas casas, como os níveis de ocupação iniciais a elas relacionadas. Não foi possível, por um lado, determinar o intervalo de tempo que decorre entre o nível de abandono da Fase I e esta nova etapa na vida do povoado, nem precisar, por outro lado, a sequência da construção deste conjunto (junto com os Edif. 1 e 6), visto que entre a sua construção e o seu abandono registou-se, regra geral, apenas as evidências da sua última ocupação islâmica. Como tal, apenas podemos atestar com segurança o sincronismo do conjunto para os níveis dos sécs. XII/XIII.

Assim, dado o limite cronológico da Fase I e os indicadores materiais mais recuados da Fase III, sugerimos uma cronologia lata entre os sécs. X/XI para esta etapa construtiva (Fase II), o que vai ao encontro da proposta da fundação do Edif. 6, entre os sécs. XI e XII (SERRA, SANTOS, 2002: 26). A provável fundação destas casas rondará, deste modo, o séc. XI.

Ao nível das soluções construtivas adoptadas verificou-se uma relativa homogeneidade na utilização de elementos de pedra e de terra, numa lógica natural de utilização dos recursos disponíveis localmente e uma necessidade de adaptação das irregularidades do terreno.

Os muros têm, na sua maioria, uma base de alvenaria elevada com taipa¹³ e são estruturados sem a abertura de valas de fundação para os mesmos, assentando directamente sobre o afloramento ou numa camada resultante da sua desagregação. Nalguns muros observam-se interfaces de corte estruturais na rocha que definem a

orientação dos seus eixos e aplanando, ainda que de forma superficial, a base para o assentamento dos muros. A solução mais adoptada para contrariar os acidentes naturais do afloramento ou antrópicos, caso das valas e fossas da Fase I, passou pelo entulho de pedra e restos de telha fragmentada.

Edifício 5

Trata-se de um edifício residencial, na extremidade Oeste do núcleo sul do povoado (L18), de paralelos urbanos, à semelhança do Edifício 1 na outra extremidade. A planta inicial, de cuidada simetria sub-rectangular¹⁴, estabelece-se a partir de um pátio central lajeado, com tanque central e canalização associada, e 3 compartimentos rectangulares dispostos em U em seu torno (comp. 1, 4 e 5). Através de uma escadaria, que resolvendo o declive da plataforma natural salientava igualmente o rigor arquitectónico da moradia, acedia-se a uma sala de entrada (comp. 1) que comunicava, desenhada com a entrada exterior, com o pátio. Todo ele lajeado, o pátio intricava quer com os muros e soleiras das divisões adjacentes (todas elas com duas marcas de gonzo¹⁵), quer com o tanque central, delimitado por muros de alvenaria apoiados num corte do afloramento rochoso. Desta área central da casa acedia-se a Sul à cozinha (comp. 4) e a Oeste ao comp. 5, posteriormente repartido pelos comp. 2 e 3¹⁶.

No canto nordeste, sobressaía outro pequeno compartimento, eliminado na Fase III. Logo após a sua entrada, desde o pátio, seria limitado a Sudoeste pelo único muro que restou desta divisão. Espaço confinado à reduzida superfície que antecede a inclinação natural do afloramento e que abarca ainda a canalização que deriva do tanque do pátio. De acordo com o observado no Edif. 1 e dada a existência da canalização, esta área deveria corresponder à latrina da residência.

Edifício 2

Paralelo ao Edif. 1, resulta num módulo pluricelular em torno de um pátio central

(bastante afectado por moroiços e raízes), com 4 compartimentos em L, a Oeste (comp. 3; 4) e a Norte (comp. 3; 2; 1). Todos eles com serventia pelo pátio, à excepção da divisão de canto (comp. 3), com acesso desde o comp. 2. Embora a percepção da entrada não seja clara face às alterações induzidas posteriormente, esta situar-se-ia a Sul, a par do acesso da rua que intercala a casa 1¹⁷. A área a Sul, remodelada com a adição do comp. 5 na Fase III, podia traduzir-se inicialmente, ou numa primitiva divisão contígua ao comp. 4, ou num espaço aberto para o pátio¹⁸.

À semelhança dos Edif. 6 e 4, esta casa deverá associar-se a áreas de trabalho, embora possamos igualmente sugerir espaços habitacionais, nomeadamente no seu eixo norte.

Edifício 4

É, de todos, aquele cuja planta primitiva é menos evidente. Da sua disposição original prevaleceram três compartimentos associados numa planta rectangular (comp. 1, 2 e 3). A Oeste é limitado por um compartimento fechado em corredor (comp. 3), eventualmente um espaço de armazenagem¹⁹, contíguo aos comp. 1 e 2, ambos com entradas a Este.

Alguns vestígios indiciam, no entanto, outras estruturas anteriores às alterações da Fase III. A Oeste do comp. 3, uma fossa rectangular (UE 365)²⁰, posteriormente usada como lixeira, poderia estar associada a realidades entretanto suprimidas e eventualmente associadas com as ténues estruturas observadas a Norte/Nordeste do Edif. 4 (UE 224; 225; 111; 92)²¹, junto a

¹² Púcaros de colo alto, com bordos direitos e adelgaçantes a partir de um corpo tronco cónico invertido e com caneluras. Apresentam uma asa conservada, em fita, sendo os fundos planos e as pastas, de tonalidade creme esbranquiçada, homogéneas e com desengordurantes finos.

¹³ A maior parte dos muros do conjunto dos 4 edifícios apresenta uma base de alvenaria, recorrendo a blocos de xisto de médias dimensões, colocados de modo a aproveitar as suas faces mais lisas para os paramentos. A utilização de blocos de grandes dimensões verificou-se no limite norte do Edifício 5, e eventualmente do Edifício 4. O miolo dos muros é preenchido com calhaus e cascalho de xisto, terra e alguns fragmentos de cerâmica de construção, sendo possível ainda observar em alguns um sedimento argiloso que funcionaria como elemento de ligação. A partir das características dos derrubes associados, é possível inferir que o resto da estrutura é elevada com o recurso à construção em terra, nomeadamente a taipa. Associado aos níveis de derrube de dois muros, no Edifício 5, foram ainda identificados restos de argamassa de cal eventualmente relacionados com o estuque, de pelo menos, um dos paramentos.

¹⁴ Os contornos desta residência, à semelhança dos restantes edifícios desta fase, estabelecem-se em eixos ortogonais, quer de orientação Sudoeste/Nordeste, quer de orientação Oeste/Este.

¹⁵ A estratégia adoptada para construir as portas passou pela colocação de duas portas por cada espaço de acesso, permitindo um melhor aproveitamento dos espaços. A espessura das paredes é, aliás, compatível com a largura dos espaços de entrada, sendo que a abertura de uma porta é colmatada por essa espessura da parede sem necessidade de mais espaço no interior do compartimento.

¹⁶ Subjacente aos pisos dos compartimentos 2 e 3 (Fase III), eventualmente entulhados para o nivelamento dos mesmos, encontravam-se duas fossas (UE 316 e UE 319), que poderão, por hipótese, serem integradas no âmbito do comp. 5 da Fase II, embora não seja de excluir que pudessem, à semelhança de outras realidades negativas nesta casa, corresponder a fossas da fase anterior à sua construção (Fase I).

¹⁷ Apenas entre os edifícios 1 e 2 ficou demonstrada a sua ligação numa azinhaga aberta a Sudoeste, que, tal como os adarves, deveria constituir ainda uma área de uso semiprivado (MACIAS, S., 1996: 62).

¹⁸ As alterações da Fase III, na anexação ou remodelação do comp. 5, junto com as destruições causadas pela construção mais recente do abrigo de pastor, responsáveis pelas descontinuidades dos muros 15 (UE 69: limite sul dos comp. 5 e 4) e 18 (UE 23), não nos permitem definir com exactidão o contorno sul da primitiva planta do edifício. Assumindo uma ortogonalidade preestabelecida, esse limite uniria a extremidade sul do muro 2 (entrada da rua) ao limite sul do comp. 5. Esse eixo sul pode inclusive ser indiciado na extremidade sul do muro 14 (UE 31), pelo interface de corte no afloramento (UE 354) para Este. Por outro lado, tão-pouco o limite norte, no alinhamento dos muros 1, 7 e 8, surge conservado, pelo que aqui, também, a entrada da casa caberia eventualmente posicionada em qualquer um dos compartimentos a Norte, embora com alguma preferência para o efeito, no comp. 1. Porém, a extensão para Sul do pátio parece antes apontar que a comunicação com o exterior do Edifício 2 se desse no lado sul.

¹⁹ Poderia ocorrer aqui um acesso em altura, a partir do interior de um dos espaços adjacentes (comp. 1 ou 2), numa utilização solidária com estes, ou simplesmente um acesso elevado a partir do exterior. O facto de eventualmente ser uma área de armazenagem justificaria a necessidade de isolamento.

²⁰ O interface negativo (UE 364) encontra-se estruturado com o muro 6, cujo paramento oeste deste muro funciona como a parede este desta estrutura negativa rectangular.

²¹ Ténue conjunto de estruturas relacionadas com o conjunto estrutural primitivo do Edifício 4, ou, em alternativa, pertencentes a distintas realidades arquitectónicas cuja percepção se tornou omissa. Poderão ser coevas, ou não, da Fase II, dado não se atestar qualquer relação com o Edifício 4, apenas o seu posicionamento anterior às remodelações da Fase III. Trata-se de um alinhamento pétreo (UE 224) sobreposto a um interface de corte no afloramento rochoso (UE 225) num eixo Oeste/Este, e de encontro ao que resta de um muro (UE 111). Este, ao contrário dos vestígios anteriores, encontra-se à superfície, na Fase III, na intersecção do muro limítrofe do Edifício 3 (muro 5), junto com um outro muro truncado (UE 92), aparentemente também ele anterior e reaproveitado no Edifício 3.

uma outra fossa quadrangular (UE 115)²², de que lhe conhecemos o uso final apenas como lixeira.

A Este do Edif. 4, os comp. 1 e 2 abriam-se para um espaço truncado pelo cercado da Fase III e que poderia ter correspondido a um outro compartimento, um pátio, ou uma área exterior²³.

A única evidência destacada do abandono e ocupação da Fase II situava-se, entre o Edif.2 e o cercado (Edif. 3), no que restava de um derrube de telha (UE 152) subjacente ao cercado e indicando uma proveniência de Oeste. Tal indica a existência anterior de algum compartimento e/ou edifício telhado, enquadrado no mesmo módulo que o Edif. 4 ou autónomo a este. Sendo o derrube travado pelo Edif. 2, este terá caído sobre um espaço aberto, talvez do tipo adarve ou rua, que intercalaria as duas casas.

Este derrube assentou ainda sobre duas fossas (UE 151 e 94), cujos enchimentos, contendo diversos nódulos de escória, enquadram-se na ocupação que medeia a Fase II da Fase III. As escórias repetem-se mais a Sudeste do Edif. 2, num interface negativo (UE 283), já antes interpretado como um provável forno de redução de minério (VILHENA, J., 2000: 18), embora em seu torno não tenhamos identificado qualquer elemento que para tal aponte, a não ser a mera confirmação destes indícios de metalurgia no povoado.

Para lá destes vestígios da Fase II, em pequenas áreas desconexas entre si, destaca-se, no comp. 1 do Edif. 4, um nível de ocupação com lareira. Funcionando igualmente como uma camada niveladora da rocha-base, a UE 221 resulta num piso de terra batida, compacto, sem grandes evidências materiais, mas ao qual era sobreposto um conjunto de lajes (UE 222), em cuja superfície plana se depositou um sedimento solto de carvões (UE 218), vestígios do uso desses elementos como lareira²⁴. Ao seu lado situava-se um pequeno interface oval (UE 220), cujo enchimento de sedimentos escuros

e carvões (UE 219) parece relacioná-lo com uma área de despejo da lareira. Esta associação de lareiras com interfaces cheios de carvões, repetir-se-á na Fase seguinte e o seu significado prende-se, certamente com actividades desenroladas nestes ambientes domésticos, ou traduz, em alternativa, um outro tipo distinto de lareira em cova²⁵.

Fase III

A Fase III é definida a partir de uma nítida reorganização espacial, marcada pela construção de um cercado (Edif. 3) e diversas remodelações nas casas já existentes. Não foi possível especificar cronologicamente o momento em que ocorrem estas alterações, nem tão-pouco assumir um sincronismo a todas elas, embora o cercado tenha por si só implicado alterações conjuntas entre os Edifícios 2 e 4. É neste novo cenário que se registam os níveis de ocupação e abandono do sítio, contextualizados num intervalo de tempo entre os sécs. XII e XIII.

Um abandono sem sinais de destruições, ou sequer súbito, e eventualmente já em época cristã, nunca antes do terceiro quartel do séc. XIII, a julgar pelo achado de um tesouro monetário de 20 dinheiros de Afonso III. A sua ocorrência, numa área exterior e de escorrências do Edif. 2, não inibe, no entanto, a hipótese deste entesouramento ter ocorrido quando o local (ou parte dele) já se encontrava abandonado.

²² Estrutura negativa constituída nos seus lados (excepção a Nordeste) por pequenos muretes, encostados na rocha-base no topo da inflexão do interface, e preservando vestígios de um revestimento argiloso nas suas paredes (eventualmente também utilizando fragmentos de telhas).

²³ Adjacente ao comp. 2, sob os níveis de piso da Fase III, um pequeno murete de blocos e calhaus de xisto (UE 186) foi tudo o que restou nessa área da Fase II.

²⁴ Este tipo de estruturas mais simples de fazer fogueiras domésticas encontra também paralelos noutros sítios islâmicos do Sul peninsular, quer pela realização de fogo sobre estas estruturas de pedra, quer sobre simples placas de barro.

²⁵ Este tipo de estruturas encontra-se, também, noutros locais, como no Castelo Velho de Alcoutim, onde são associadas a uma "provável zona de borralho" (CATARINO,1996/1997: 348).



Figura 2
Edifício 5 (Fase 2)



Figura 3
Edifícios 2, 3 e 4

A Fase III assinala, sobretudo, uma alteração à ortogonalidade, organização e, eventualmente, algumas funcionalidades nos espaços do povoado. Consequência de acções destrutivas, que não foi possível precisar, embora sugeridas pelas reparações observadas, ou de meras alterações no arranjo doméstico, nesta etapa terão sido removidas estruturas, entulhadas fossas e estabelecidas novas áreas abertas de circulação, nas quais se integram lixeiras, por vezes utilizando interfaces negativos já existentes e nos quais viemos a encontrar os maiores conjuntos artefactuais, ao que parece de lata abrangência cronológica²⁶.

Edifício 3

A grande ruptura nos Alcariais resulta num cercado ovalado de aparelho grosseiro²⁷ que, aproveitando em parte o Edif. 4, o integra numa nova área aberta e parcialmente empedrada a Sul (comp. 1) e a Norte (comp. 2 e 3)²⁸, embora ausente na zona que antecede o Edif. 4, com vestígios de um piso térreo (UE 46).

A função não residencial, cercado para animais, deste espaço explica a opção construtiva com o recurso a um aparelho de características bastante rudimentares. Um cercado que se associaria a áreas de trabalho e/ou armazenagem que eventualmente se desenvolveriam no Edif. 4.

Edifício 2

No Edifício 2, as alterações são concretizadas na anexação, ou remodelação²⁹, do comp. 5, directamente relacionado com o muro 2 do cercado, seu limite oeste. Coevo no uso e abandono desta casa, a leitura deste compartimento apresenta algumas dificuldades na percepção quanto ao seu acesso, presumivelmente para o pátio através de uma entrada, posteriormente entaipada (muro 16).

Edifício 5

No Edif. 5, a Fase III pautou-se por uma série de transformações espaciais internas e arranjos de estruturas. Se os muros são, na sua origem, em alvenaria desde a sua base, os novos muros que agora os

remendam são todos eles erguidos em terra, desde a base. Essa diferença construtiva da pedra para a terra é, de facto, significativa na evolução da arquitectura da casa³⁰.

Como referimos, da planta inicial, a latrina é suprimida e entaipado o seu acesso ao pátio, sobre a canalização do tanque que corre agora a descoberto sobre a pequena vertente que separa o Edifício 5 do 4. No interior da residência, os muros que separam os compartimentos do pátio são refeitos em troços de taipa, desde o soco (muros 5; 19 e 21). Por sua vez, o limite oeste da residência é truncado (muro 11/12) pela abertura de um acesso à casa, directamente para o comp. 3. Este corresponde à subdivisão do comp. 5, agora dividido em dois (comp. 2 e 3)³¹, por um outro muro construído em taipa desde a base (muro 17). A antiga soleira do comp. 5 permanece no comp. 3, de frente para a nova entrada

²⁶ Sobretudo nos enchimentos dos interfaces UE 364; UE 242; UE 241; UE 115.

²⁷ Tratam-se de grandes blocos de xisto muito toscamente trabalhados e sem grandes cuidados no seu aparelhamento. Os blocos são utilizados praticamente em estado bruto e sem qualquer elemento de ligação entre eles que melhor pudesse estruturar a construção. Na área central (Sul) depósitos de calhaus e de sedimentos medianamente compactos, com alguma cerâmica de construção, preenchem valas e fossas inscritas na Fase I, e servem de base ao empedrado.

²⁸ O sector II, onde se localizou o Edifício 3, apresentava à superfície uma volumosa concentração de pedra solta (UE 7), resultado das actividades humanas mais recentes no local, com um enorme grau de afectação sobre o povoado islâmico. O que, associado à fraca potência estratigráfica da área, colocou o afloramento à vista em diversas áreas. Situação ainda mais acentuada quando, ao contrário dos restantes Edifícios, o cercado seria uma área aberta, assente sobre a rocha base, e cujo esforço de regularização consistiu igualmente num empedrado. A sequência estratigráfica no sector II das Fases mais recentes, e não medievais (Fase IV), à Fase III, última Fase da ocupação do povoado, foi por essas mesmas razões, um descortinar de depósitos de pedras sobre depósitos de pedras, em que os primeiros partem do desmanche dos últimos.

²⁹ Ver Nota 18

³⁰ É de ter em conta esta diferença construtiva na caracterização desta fase derradeira do povoado, assim como o facto da generalização da utilização desta técnica, quer para sítios fortificados quer para estruturas habitacionais ocorrer sobretudo a partir do século XI/XII, observando-se em povoados rurais como no Vale do Bôto (CATARINO, 1996/1997).

³¹ Se o comp. 2 seria eventualmente uma alcova, já o comp. 3, com acesso ao exterior poderia ter nessa etapa uma função adstrita a actividades que requeriam o uso dessa entrada.



A
Vista geral do Edifício 5,
de Nordeste para
Sudoeste



B
Detalhe da vala de
escoamento de águas

N.C.



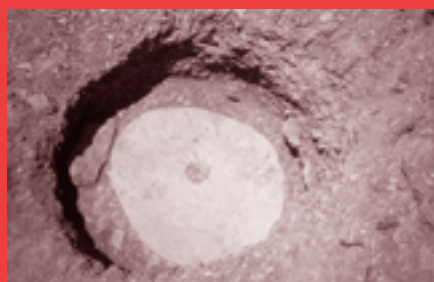
C
Aspecto do
compartimento 4
do Edifício 5



F
Limite nordeste do
Edifício 2



E
Compartimentos 4 e 5
do Edifício 2



D
Interface negativo de 128

-  Edifício 1
-  Edifício 2
-  Edifício 3
-  Edifício 4
-  Edifício 5

--- Limite de área escavada

ESCALA 1:400

da residência, enquanto que a nova soleira do comp. 2 surge já sobrelevada na primeira fiada do que resta do antigo muro do comp. 5 (muro 18).

Retomando uma abordagem geral, quanto aos níveis de ocupação nos Edifícios 4, 2 e 5, estes surgem associados a um só nível de piso de terra batida³², assente directamente no afloramento, ou sobre camadas niveladoras e entulhos dos interfaces da Fase I. Verifica-se praticamente um só nível de ocupação, com uma manutenção desde a sua construção (Fase II) ao seu abandono (Fase III).

Apenas as lareiras³³ sucedem-se, no âmbito de remodelações domésticas, sobre o piso, ou inscritas num interface que o corta, na sua maioria com uma preparação de fragmentos de telha e cerâmica cobertos por uma camada de barro sobre o qual se fazia o fogo. No centro do comp. 2 e 3 do Edif. 2, a par das lareiras, observou-se uma pequena fossa circular, repleta de calhaus de quartzo, que funcionariam como termoclastos³⁴.

Na cozinha (comp. 4) do Edif. 5, junto às únicas lareiras da residência, um silo, usado posteriormente como lixeira, forneceu um vasto contexto material e faunístico (UE 302).

Os compartimentos eram, ao que parece, com a excepção do comp. 3 do Edif. 4³⁵ e do Edif.3,³⁶ telhados, como o demonstra os derrubes do povoado. A telha de meia cana, digitada ou lisa, seria suportada por travamentos de madeira (inferido pelos pregos nos derrubes), com a excepção das áreas dos pátios. As dimensões dos compartimentos sugerem que se tratariam de telhados de uma água, que, no caso mais evidente do Edif. 5, canalizaria as chuvas para o tanque ao centro do pátio.

Cultura Material

Limitada a nossa análise³⁷ a uma pequena amostra da componente cerâmica recolhida, esta incidiu sobretudo na UE 302, depósito de lixeira no silo da cozinha do Edifício 5, procurando cruzá-lo com

alguns dados materiais que se destacaram em outros ambientes, no abandono do povoado.

O conjunto é caracterizado, sobretudo, pela cerâmica comum de cozinha (como panelas) e, em menor número pela cerâmica de mesa (como cerâmica vidrada). São deste conjunto 4 panelas (série 11 de Rosselló-Bordoy e forma 5 de Bazzana), de características morfológicas e decorativas características das produções dos reinos de Taifas (séc. XI)³⁸. Estas panelas a torno alto encontravam-se decoradas com traços, ou dedadas, de pintura a branco no corpo, bordo e nas asas. Em igual contexto insere-se um bocal de jarro, com dois caracteres em árabe pintados a branco; e um fragmento de cântaro (série 3-A de Rosselló-Bordoy e forma 22 de Bazzana)³⁹, este já com paralelos de período almóada (séculos XII e XIII), nomeadamente em contextos mais tardios e que documentam a manutenção do seu fabrico em época posterior à Reconquista.

Das formas abertas de cozinha de mesa identificadas neste silo, há a referir 3 tigelas ou malgas (séries 1 e 7 de Rosselló-Bordoy e formas 20 e 21 de Bazzana) e 1 caçoila (série 5 de Rosselló-Bordoy e forma 19 de Bazzana), vidradas em tons melados, com finos traços de círculos simples, e/ou associados a uma série de traços negros de óxido de manganês com escorrimento de pintura⁴⁰.

Numa mesma cronologia almóada, sob o piso do comp. 4 do Edifício 2, identificámos 2 malgas/saladeiras, não vidradas (série 6 de Rosselló-Bordoy e forma 22 de Bazzana), sem asas e com carenas algo pronunciadas⁴¹, tal como um alguidar⁴² (série 9 de Rosselló-Bordoy e forma 18 de Bazzana), recolhido no derrube dessa divisão.

De referir ainda, nas valas de lixeira entre os Edif. 4 e 5 (UE 242, 241), 2 fragmentos de bojos vidrados, de cor verde, sobre pastas claras, de produção almóada, e 2 bojos de corda seca parcial.

O conjunto é caracterizado, sobretudo, pela cerâmica comum de cozinha (como panelas) e, em menor número, pela cerâmica de mesa (como cerâmica vidrada).

³² O piso mais comum (piso de terra batida) define-se por ter uma preparação em calhaus e cascalho, por vezes com alguns fragmentos de telha, encimado por um sedimento de características argilosas e compactas.

³³ Ao nível das estruturas de lareira e espaços de fogo, verifica-se a coexistência de diferentes tipos de técnicas num mesmo compartimento e, por vezes, em utilização simultânea, indiciando diferentes funcionalidades ou resultando de intervalos de tempo muito ténues, impossíveis de observar no registo arqueológico.

³⁴ Pequenas fossas de planta circular (diâmetro de cerca de 30 cm) escavadas na rocha de base, com o interior preenchido com calhaus de quartzo toscamente afeiçoados. Estes funcionariam como elementos de retenção de calor (termoclastos), para aquecimento ou mesmo para um tipo de cozedura indirecta, em que os alimentos ou recipientes não eram directamente expostos ao fogo. Foram identificadas apenas no Edif. 2, no centro dos comp. 2 e 3. Num dos casos, no comp. 2, verificou-se que esta estrutura foi utilizada simultaneamente com uma fogueira do tipo comum descrito. No caso do comp. 3, verificou-se que esta cortou uma realidade anterior, um interface negativo, que à semelhança do que ocorre no comp. 5 poderia ter funcionado como um terceiro tipo de lareira, embora de paralelos menos frequentes (correspondente ao tipo de estruturas identificadas na Alcaria Longa como "rock-lined fire pit" (BOONE, 1993:117-118).

³⁵ Coloca-se a possibilidade deste simplesmente não ser coberto, ou ter um outro tipo de cobertura de materiais perecíveis, ou ter-lhe sido retirado a cobertura de telha para uma utilização secundária.

³⁶ Não foram identificados quaisquer níveis de derrube de telha, no interior deste compartimento. O tipo de actividade para que o edifício terá sido construído justificaria a utilização de outra solução na cobertura, eventualmente com materiais perecíveis que não sobrevivem no registo arqueológico, ou poderá simplesmente tratar-se de um espaço descoberto.

³⁷ A informação apresentada resulta, tão somente da abordagem necessariamente preliminar realizada na elaboração do Relatório da Intervenção Arqueológica, não constituindo, por essa mesma razão, um estudo encerrado.

³⁸ Com bordos triangulares, com inflexão externa e ligeiramente boleados, ou, em bisel, colos diferenciados, ou seja, de perfil globular e ovóide em alguns casos. O fundo é essencialmente plano. Encontramos paralelos próximos em Mértola (TORRES, *et al.*, 1991: 508, n.º 022 e n.º 023) e em Alcaria Longa (BOONE, 1993: 117, A), para além de outras referências na Península de Lisboa e Setúbal.

³⁹ De bordo direito, boleado e com caneluras finas, num perfil cilíndrico e na área superior com duas asas, eventualmente fitiformes, pastas muito homogéneas de cor-castanha alaranjada e as superfícies alisadas, com uma aguada da mesma cor. Os castelos de Salir e de Paderne (CATARINO, 1994 c: 80) e Mértola (KHAWLI, 1993: 73, n.º 139) atestam a produção deste tipo de recipientes de armazenamento.

⁴⁰ Recipientes de perfil quase hemisférico apresentam bordos que variam entre os espessados e ligeiramente biselados, no exterior; espessados e extrovertidos; espessados e demarcados exteriormente; extrovertidos e demarcados exteriormente e com o lábio de perfil semicircular. Os fundos são planos ou convexos. O bordo da caçoila identificada apresenta decoração, representada por pequenas manchas espaçadas, de cor escura (castanho-escuro). As pastas apresentam cores rosadas, cinzentas-claras e beges, e muito bem depuradas. Encontram paralelos próximos nas Mesas do Castelinho, Almodôvar (GUERRA e FABIÃO: 1993, 98), na Senhora da Cola, Ourique (VIANA, 1959: 3-48, 1960: 138-231), na Cidade das Rosas, Serpa (RETUERCE VELASCO, 1986: 85-92), em Mértola (GÓMEZ MARTINEZ, 1993: 779-786, 1994: 113-132; MACIAS, 1991: 418-420; TORRES, 1986: 193-228) ou em Silves (GOMES, 1988: 181-183; 1991a: 21-26, 1995: 20, FIG.1).

⁴¹ Sem asas e com carenas algo pronunciadas, bordos adelgaçantes, ou ligeiramente boleados. As suas paredes são um pouco rectilíneas e levemente côncavas, até à extremidade da carena, e o fundo é abaulado. Os fabricos destas duas malgas apresentam ser a torno alto, caracterizado pelas pastas bem depuradas, de tonalidade castanha-avermelhada e com desengordurantes de grãos fino e médio. As superfícies encontram-se parcialmente alisadas, mediante um engobe com a mesma tonalidade da pasta, na superfície interna, para fins impermeabilizantes. Têm paralelos em Vale do Bôto (CATARINO, 1988: Ext. IX; X. 2-5 e XI) e na Cidade das Rosas (RETUERCE VELASCO, 1986: 85, fig. A).

⁴² De bordo espessado no exterior e perfil triangular. As paredes desenvolvem-se de um modo rectilíneo, com tendência para convergirem para o fundo. O fabrico demonstra ser de boa qualidade, com pastas bem depuradas e muito homogéneas, de tonalidade amarelada e com desengordurantes quase imperceptíveis. As superfícies são alisadas e no seu interior foi possível identificar um engobe da mesma tonalidade, com fins impermeabilizantes. Esta forma possui paralelos próximos em Mértola (TORRES, *et al.*, 1991) e no Castelo de Paderne (CATARINO, 1994 c: 79, FIG. 8. 5).



Figura 5
Vista da área de escavação, com o Edifício 5 em primeiro plano

As cronologias que a nossa sintética abordagem aferiram, tal como foi constatado para os materiais dos Edif. 1 e 6 (SERRA, M., SANTOS, A., 2002: 21-26), conjugam uma série material centrada sobretudo nos sécs. XI a XIII.

Fase IV

A última ocupação registada relaciona-se com a pastorícia recente e a construção de um curral, um abrigo de pastor e alguns moroiços, que afectaram a estratigrafia dos níveis medievais.

Considerações Finais

Ocorrem, ao longo da diacronia islâmica do povoado 3, momentos distintos. Da Fase I, pouco ficamos a conhecer para lá de alguns materiais dos sécs. IX / X. Da Fase II e III, resulta o sítio arqueológico por excelência apresentado. Da edificação das suas casas e de um marcado momento de reestruturação e arranjos das mesmas, que serão abandonadas na segunda metade do séc. XIII, eventualmente já em domínio cristão (tendo em conta sobretudo os dinheiros de Afonso III).

O conjunto destes edifícios, erguidos por volta do séc. XI, período mormente ligado a um dinamismo demográfico e a uma época de florescimento rural, define-se num eixo para lá do qual, a Nordeste não haveria mais de que um caminho, embora

a Sudoeste do sítio⁴³ se encontrem ainda alguns vestígios de muros que pressupõem, pelo menos mais, um edifício.

Um espaço islamizado, perceptível da melhor forma nas residências 1 e 5, tal qual o modelo das casas urbanas hispano-muçulmanas, e nos Edifícios 2, 4 e 6, adaptações rurais dessas primeiras, com uma plurifuncionalidade adequada às actividades económicas do povoado.

Bastará apreciar a mestria do pátio da casa 5, ou a latrina da casa 1, para entender a marca indelével de um modo de concepção espacial, assim como dos hábitos culturais dos seus habitantes (MACIAS, S., 1996: 69). Mais do que um aspecto de urbanidade nas casas, pensamos espelhar-se aqui uma dimensão da islamização em meio rural, e da aproximação evidente dos modos de vida urbanos e rurais, que nem sempre tem sido tomada em conta.

A coabitação destas residências, com edifícios semelhantes às casas de Alcaria Longa (onde um dos eixos da casa se relaciona com o trabalho e o outro com os aspectos residenciais) (BOONE, 1993), para lá das diferenças funcionais, poderia assinalar as diferenças de quem as

⁴³ Notemos que é para Nordeste que dão as entradas das residências 1 e 5, enquanto para o lado oposto se acede às restantes casas, distinção que poderá traduzir a fachada das residências de maior destaque para um lado, enquanto nas suas traseiras e meandros estariam os edifícios e as zonas de actividades económicas desenroladas no povoado.

⁴⁴ A pastorícia ovicaprina terá mesmo, durante os sécs. XI e XII, resultado num maior desenvolvimento. Esse incremento parece resultar, tal qual ocorre nos Guerreiros, num conseqüente declínio do uso das mós na economia doméstica muçulmana, que, como noutros povoados, se encontram a sua maioria nos níveis antigos, ou reaproveitadas nas estruturas arquitectónicas (CATARINO, H., 1996/1997: 686).

⁴⁵ São várias as referências na Cora de Beja às explorações mineiras, área de tradições mineiras que terão persistido, a diferentes escalas, por conta de particulares ou não. Incrementada a partir do séc. X com o maior povoamento da região, sendo que outros vestígios desta actividade poderão ser exemplificados com o molde de fundição achado em Marachique, ou as forjas de ferreiro de Alcaria Longa (BOONE, 1993). Em área piritosa e de bosque, recorde-se que "minas e abundância de floresta são as duas condições para a exploração e transformação em forjas", uma realidade já presumida para este povoado, sendo que "a associação do trabalho mineiro a áreas florestadas acompanharia um meio rural agrícola ainda que pobre e uma intensa actividade de pastores que se manteve até hoje" (CATARINO, H., 1996/1997: 690).

habitava, se pudéssemos demonstrar uma divisão tão nítida entre os seus habitantes interligados que estariam num esquema comum de exploração económica que proporcionou o nível de desenvolvimento observado.

Não foi possível precisar o que terá implicado a série de reparos da Fase III, presumivelmente na sequência de alguns episódio(s) de destruição, mas o facto é que na sua sequência, em determinada altura dos sécs. XII ou já do XIII, o povoado, embora continue a basear-se nas estruturas já existentes, parece ter associado um entendimento espacial distinto.

O cercado representa não só uma ruptura construtiva, como acarreta uma ruptura no enquadramento dos anteriores espaços. De uma assinalável quebra nos ditames islâmicos parece resultar igualmente a abertura, no Edif. 5, de um novo acesso, à margem da entrada principal e a direito em relação ao pátio e, sobretudo, a eliminação da latrina.

Por outro lado, este cercado realça a importância da actividade ganadeira para estas populações, como ocorre para a região de Mértola, onde mais do que um contrapeso de subsistência, para os períodos de pousio das culturas cerealíferas, acaba por se desenvolver como actividade principal (BOONE, 1996)⁴⁴. Fora isso, a actividade que mais vestígios indirectos deixou terá sido a metalurgia, na presença de fossas com escórias, ou de fragmentos de telhas com pingos de escória usados na preparação de lareiras⁴⁵.

Colocamo-nos, deste modo, num ponto de partida para uma futura abordagem, na qual o primeiro conjunto de questões surge quanto à escala e natureza deste povoado, isto é, quanto ao tipo de estrutura fundiária que podemos aqui testemunhar. Não julgamos que, ainda que pautado de importância, possa representar um conjunto de monta, associado a uma alcaria (CATARINO, H., 1996/1997: 671). Os Alcariais dos

Guerreiros de Cima corresponderiam antes a uma *Al-diya* da comarca de Marachique, o que, como refere H. Catarino, condizia com uma “exploração agrícola privada, propriedade fundiária explorada pelo proprietário ou por camponeses locatários, membros de uma mesma família, tornando-se por vezes numa pequena povoação ou aldeola”, (*Id. Ibid.:* 671).

A continuação que pretendemos do seu estudo contribuirá, certamente, para definir a relação campo/cidade, partindo de uma ocupação plenamente islamizada, situada a meio caminho entre o Baixo Alentejo e o Algarve, seja de Silves a Marachique, ou do Algarve a Almodôvar, Mértola, Aljustrel ou Alcácer do Sal. Não podemos, pois, considerar o povoado como definitivamente apartado das grandes movimentações do *Garb al-Andaluz*, ou das necessidades mercantis requeridas pelos centros urbanos, ainda que se inscreva, por outro lado, nessa paisagem marginal, cujos atavismos serranos ainda hoje parecem ter conservado a herança dos habitantes desta aldeia islâmica.

Referências Bibliográficas

- ARNAUD, J. M.; MURALHA, J.; ESTORNINHO, A., (1992), “Intervenção arqueológica num casal medieval (Reguengo Grande/Messejana/Aljustrel)”, *Vipasca*, 1, pp. 49-65
- BARKER, P., (1977), *Techniques of archeological excavation*, London, Batsford.
- BAZZANA et alli, (1984), *El yacimiento medieval de Santa Fé de Oliva (Valencia)*, N.A.H., 18, Madrid.
- BAZZANA, (1988), *L'Habitat traditionnel dans les pays Musulmans autour de la méditerranée, L'heritage architectural, formes et fontions*, Le Canne: Institute Français d'Archéologie Orientale.
- BAZZANA, (1992), “Maisons d'al-andalus; habitat médiéval et structures du peuplement dans l'Espagne orientale, Coléction de la casa de Velázquez”, 37, *Archeologie XVIII*, Madrid.
- BOONE, J. L., (1993), “The Third season of the excavations at Alcaria Longa”, *Arqueologia Medieval*, 2, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 111-125.
- BOONE, J. L., (1994), “Rural settlement and islamization in the lower Alentejo of Portugal; evidences from Alcaria Longa”, in *Arqueologia en El Entorno del Bajo Guadiana: Actas del Encuentro de Arqueologia del Suroeste*, ed. J. M. Campos, J. A. Perez, F. Gómez, Huelva-Niebla, pp. 527-544.
- BOONE, J. L., (1996), “Uma sociedade tribal no Baixo Alentejo Medieval?” *Arqueologia Medieval*, 4, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 25-35.
- CARDOSO, João Luís, (1993), “Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico: estudo dos restos mamalógicos e malacológicos das Mesas do Castelhinho (Almodôvar)”, *Arqueologia Medieval*, 2, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 103-107
- CARDOSO, João Luís, (1994), “A Fauna de mamíferos da época muçulmana das Mesas do Castelhinho (Almodôvar), Materiais das campanhas de 1989-1992”, *Arqueologia Medieval*, 3, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 201-220.

- CATARINO, H., (1997/1998), “O Algarve Oriental durante a ocupação Islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados”, *Al-'ulyá*, 6/7, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 3 vols.
- CATARINO, H., (1980), “O sítio romano-árabe do Vale do Bôto, notícia da sua identificação”, *CLIO*, Vol. 2, Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CATARINO, H., (1981), “Vale do Bôto: escavações no complexo árabe/medieval”, *CLIO*, Centro de História da Universidade de Lisboa, Volume 3, Lisboa.
- CHAZELLES, CLAIRE-ANNE, (1997), *Les maisons en terre de la Gaule Méridionale, Montagnac*, ed. Monique, Mergoil.
- COELHO, J. M. A., (1987), *Foral de Almodôvar*. Almodôvar, C. M. de Almodôvar.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A., (1991), “O Povoado Fortificado de “Mesas do Castelhinho”” in *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos.
- FERREIRA, M.; INÁCIO, I., (Dezembro de 1995), *Carta arqueológica de Almodôvar. Relatório da Campanha de Prospecção de Setembro de 1995*, policopiado.
- GOMEZ MARTINEZ, (1994), “La cerámica verde y morado de Mértola (Portugal)”, *Arqueologia Medieval*, 3, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 113-132.
- GUERRA, A.; FABIÃO, C., (1993), “Uma fortificação Omíada em Mesas do Castelhinho (Almodôvar)”, *Arqueologia Medieval*, 2, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 85-102.
- HARRIS, E., (1979), *Principles of Archeological Stratigraphy*, London, Academic Press.
- KHAWLI, A., (1993), “Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola Islâmica”, *Arqueologia Medieval*, 3, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 63-78.
- MACIAS, S., (1991), “Um conjunto cerâmico de Mértola - Silos 4 e 5”, in *IV Colóquio de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental (Lisboa, 1987)*, Ed. Campo Arqueológico de Mértola, pp. 407-427.
- MACIAS, S., (1996), *Mértola Islâmica. Estudo Histórico-arqueológico do bairro da alcáçova (séculos XII-XIII)*. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- MARTINS, A., (Novembro de 1999), *Relatório de prospecção arqueológica da A2 -auto-estrada do sul. Sublanço Castro Verde/Almodôvar*, SEIA, policopiado.
- PAIS, J., (1993), “Sementes de um silo omíada (UE 67) de Mesas do Castelhinho (Almodôvar)”, *Arqueologia Medieval*, 2, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 109-110.
- PIRES, A., (2002), *Escavações Arqueológicas. Circuito Arqueológico do Castro da Cola. Castro da Cola (Ourique)*. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos, Era Arqueologia, S.A., policopiado.
- RAMOS, C.; MARTINS, A.; MURALHA, J.; ESTORNINHO, A., (1993), “O Castelo de Aljustrel. Campanhas de 1989 e 1992”. *Vipasca*, 2, pp. 11-40.
- RETUERCE VELASCO, M., (1986), “Cerâmica Islâmica de la “Cidade das Rosas”, Serpa (Portugal)”, in II e IV *Colóquios de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental (Lisboa, 1987)*, Ed. Ministério da Cultura, Madrid, pp. 85-92.
- SERRA, M.; SANTOS, A., (2001a), *Relatório preliminar da escavação em área do local 18 dos Alcariaais dos Guerreiros de Cima (Gomes Aires/Almodôvar)*, DEGEBE, Beja, policopiado.
- SERRA, M.; SANTOS, A., (2001b), *Relatório preliminar da escavação em área do local 18A dos Alcariaais dos Guerreiros de Cima (Gomes Aires / Almodôvar)*, DEGEBE, Beja, policopiado.
- SERRA, M., SANTOS, A., (2002), *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos desenvolvidos nos Alcariaais dos Guerreiros de Cima*, Coimbra, policopiado.
- SOARES, A., FERREIRA, M., (1994), “O povoamento no Concelho de Almodôvar no período muçulmano II: Reconstituição regressiva da paisagem”, *Actas das V Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 20-22 de Maio, 1993, AAP, pp. 49-64.
- TORRES, C., (1987), *Cerâmica Islâmica portuguesa*. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- TORRES, C., et al. (1991), “Cerâmica Islâmica de Mértola - propostas de cronologia e funcionalidade”, in *IV Colóquio de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental (Lisboa, 1987)*, Ed. Campo Arqueológico de Mértola, pp. 487-536.
- VIANA, A., (1946), “Museu Regional de Beja. Alguns objectos da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e da época romana, cerâmica árabe”, *Arquivo de Beja*, vol. II, Beja, pp. 309-339.

- VIANA, A., (1958), “Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique)”, *Arquivo de Beja*, vol. XV, Beja, pp. 25-35.
- VIANA, A., (1959), “Notas Históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo – 1. Castro de Nossa Senhora da Cola”, *Arquivo de Beja*, vol. XVI, Beja, pp. 138-231.
- VIANA, Abel, (1960), “Acerca de Marachique” in *Arquivo de Beja*. Beja, vol. XVII, pp. 206-217.
- VILHENA, J. H., (Setembro de 2000), *A2 - Sublanço Castro Verde/Almodôvar. Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico. Sondagens Arqueológicas. Local 18/18A - Cerro das Alcarias (Guerreiros, Gomes Aires)*. Relatório de intervenção, DEGEBE, Odemira, Setembro de 2000. Policopiado.

Não podemos, pois, considerar o povoado como definitivamente apartado das grandes movimentações do *Garb al-Andaluz*, ou das necessidades mercantis requeridas pelos centros urbanos, ainda que se inscreva, por outro lado, nessa paisagem marginal, cujos atavismos serranos ainda hoje parecem ter conservado a herança dos habitantes desta aldeia islâmica.